

# ESCAPE TO BURMA / 1955

## *(Os Rubis do Príncipe Birmano)*

um filme de Allan Dwan

**Realização:** Allan Dwan / **Argumento:** Talbot Jennings e Horbart Donavan, baseado no conto "bow Tomaly to Me" de Kenneth Perkins / **Fotografia:** John Alton / **Direcção Artística:** Von Nest Polglase / **Décors:** Fay Badcock / **Guarda-Roupa:** Gwen Waleling e Lucille Sothern / **Efeitos Especiais:** Lee Zavitz / **Música:** Louis Forbes / **Montagem:** James Leicester / **Interpretação:** Barbara Stanwyck (Gwen Moore), Robert Ryan (Jim Brecan), David Farrar (Cardigan), Mervyn Vye (Makesh), Robert Warwick (Sawbwa), Reginald Denny (Governador), Lisa Montell (Andora), Peter Coe (Capitão da guarda), Anthony Numkena (Kasha), etc.

**Produção:** Benedict Bogeaus para a RKO Rádio Picture / **Cópia:** digital, Technicolor, com legendas eletrónicas em português, 83 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, a 9 de Abril de 1955 / **Estreia em Portugal:** Cinema Capitólio, a 3 de Outubro de 1955.

---

**Escape to Burma** é um dos dez filmes que Benedict Bogeaus produzido e Allan Dwan realizou na fase final da carreira de ambos.

Benedict Bogeaus (1904-1968) foi um caso assaz excepcional entre os produtores de Hollywood. Agente de imobiliárias com bizarros e peculiares gostos cinematográficos, iniciou a carreira de produtor em 1940 como "freelancer" e com o dinheiro que tinha ganho na sua profissão. E o primeiro filme que produziu foi **The Shanghai Gesture** (41) confiando a realização a Sternberg que, à época, era considerado um caso arrumado. Nas memórias, Sternberg, normalmente tão caustico para com os produtores, prestou-lhe comovida homenagem, reconhecendo como ele lhe deu o que desde a *frau Marlene* toda a gente lhe recusaria, a completa liberdade. Essa obra genial foi, à época, um colapso, mas Bogeaus não desistiu do seu rumo. E assim, entre vários, produziu o estranhíssimo filme de André de Toth chamado **Dark Waters** (44), **The Diary of a Chambermaid** (Renoir, 46), **On Our Merry Way** (King Vidor, 48), **Appointment in Honduras** (Jacques Tourneur, 53), e, para acabar, a série de dez de Dwan. Percebe-se que um tão insólito "currículo" o não tenha enriquecido e percebe-se porque é que os "Cahiers du Cinema", em 1964, afirmavam que "qualquer cinéfilo tem que perceber e venerar o nome de Benedict Bogeaus".

Allan Dwan contou a Bogdanovich como se conheceram: "Ben Bougeau tinha perdido couro e cabelo numa série de filmes que produzira e durante algum tempo não fez nada. Mas era amigo de um tipo que veio a ser produtor executivo da RKO no final da década de Howard Hughes. Numa altura em que esses estúdios encorajavam produtores independentes a ir para lá trabalhar e fazer filmes, aceitaram também Bogeaus por causa da sua relação com o tal produtor executivo. O presidente da companhia era, de novo, o meu velho amigo Jim Grainger. Ora, Bogeaus fora extravagantíssimo na sua obra passada. Não tinha nenhuma confiança nele, nem que ele pudesse safar os baixos orçamentos de que a RKO por essa altura dispunha. Assim, para ter mais alguma segurança, Grainger pensou que precisava de um realizador com experiência para trabalhar com Bogeaus. Foi assim que eu fui escolhido. Fui para a RKO e a primeira coisa que Bogeaus me propôs foi **Silver Lode**. Li o argumento e soube que o orçamento previsto era entre 750.000 a 800.00 dólares. Mas com a alteração que Bogeaus introduzira e com o calendário que puxara, a coisa nunca custaria menos de 4 milhões. Sem lhe dar cavaco, comecei a cortar o argumento até o reduzir a dimensões mais aceitáveis. Bogeaus ficou lixado comigo e acusou-me de estragar a sua magnífica história. Na verdade, a história era péssima, mas ele estava convencido que era magnífica. A zaragata foi completa. Quis-me despedir, mas não o deixaram. Lá fomos para a frente e fizemos a fita com o orçamento destinado. Ben ficou descontentíssimo e zangadíssimo. Você nunca mais trabalha comigo, etc. Mas o filme estreou-se e correu bem. Ben

começou a preparar **Passion**, com outro realizador, mas, ao fim de uma semana, mandou-me chamar e pediu-me para eu fazer o filme. Começou assim a nossa amizade. Foi quando o comecei a chamar Marcelene. Marcelene era um célebre palhaço do Hipódromo de Nova Iorque, cuja especialidade consistia em compor um desastradíssimo personagem, que confundia e trocava tudo (...) De cada vez que aquele Bogeaus queria fazer uma coisa de que eu não gostava, ou me vinha com falinhas mansas e sugestões, eu respondia-lhe: 'Ouve, Marcelene, tenho a impressão que não estou nada de acordo'. Ele começava logo a mudar de opinião e a nossa relação não podia ser melhor (...) Fui chamado para polícia dele e acabamos no melhor dos mundos. Gostávamos muito um do outro".

Desta curiosíssima associação (um veterano de Hollywood de 70 anos e um produtor excêntrico de 50) ficaram-nos os filmes que – por mais próximos – mais nos asseveram hoje do génio de Dwan: **Silver Lode** (54, com John Payne, Dan Duryea e Elizabeth Scott, sublime "western"), **Cattle Queen of Montana** (54, com Barbara Stanwyck e Ronald Reagan), **Tennessee's Partner** (55, com John Payne, Rhonda Fleming e Ronald Reagan, outro "western" lapidar), **Slightly Scarlet** (56, com John Payne, e o esplêndido erotismo da rivalidade Rhonda Fleming-Arlene Daht), **The River's Edge** (57, violentíssima obra com Ray Milland, Anthony Quinn e Debra Paget, já feita para a FOX), **Enchanted Island** (obra absolutamente demencial, com Dana Andrews e Jane Powell) e **The Most Dangerous Man Alive** (61, de que pudemos ver o trágico esplendor no Ciclo de Cinema de Ficção Científica).

Citei sete filmes (e o último, foi o último filme de Dwan e de Bogeaus). Houve mais três: **Passion** (54, com Cornel Wilde e Yvonne De Carlo, que nunca vi), o filme de hoje e outro grande filme de aventuras, intitulado **Pearl of the South Pacific** (55, com Virgínia Mayo, Dennis Morgan e David Farrar). Do lote, **Escape to Burma** talvez seja o menos interessante.

A produção, contudo, é bizarra e bastante típica desses anos finais da RKO (54-57). Os celebérrimos estúdios estavam ao desbarato, entre manobras de Hughes e do casal Desi Arnaz-Lucille Ball. Não havia rei nem roque e a casa parecia habitada por fantasmas, como disse John Houseman. Inventavam-se estranhos formatos, como o SuperScope em que **Escape to Burma**, **Pearl of the South Pacific**, **Tennessee's Partner**, **Slightly Scarlet** foram filmados, que para fugir a taxas e direitos (nesses anos iniciais do Scope) não é Cinemascope nem deixa de o ser, como o espectador verificará à visão da cópia. E ninguém se preocupava muito com o argumento, desde que os filmes fossem baratos e se vendessem para circuitos B.

Mas, insolitamente, continuava-se a apostar no "star-system", como se verifica pelos "casts" acima transcritos e pela presença em **Escape to Burma** de Barbara Stanwyck, Robert Ryan e David Farrar.

Curiosamente os actores parecem tão envelhecidos quanto o género. A Stanwyck tinha 48 anos, o que já não se prestava muito para papéis de rainha da selva; Ryan, era mais novo (cerca de 40) mas sempre teve esse "look" usado, que não o tornaria ideal para amores à primeira vista. Mas, desde que Marlene fizera **Rancho Notorious** (Lang, 52, aos 50) John Crawford o **Johnny Guitar** (Nicholas Ray, 54, aos 48) e a própria Barbara Stanwyck **Cattle Queen of Montana** (também em 54) os pequenos estúdios tinham descoberto que o público continuava a gostar de as ver em "westerns" ou selvas, carregadas de passado mas também de presença. **Escape to Burma** tem um ar de família, a tal ponto que, na primeira cena de amor entre Stanwyck e Ryan, quase esperamos ouvi-los dizer que já se conheciam e que revivem, ali, uma história há muito passada.

Por todos esses ângulos, **Escape to Burma**, sem ser um grande Dwan nem um grande filme, é insólito e surpreendente e merece mais que a péssima reputação que o rodeou.

E, para além de muitas coisas belas (os grandes planos de Ryan e Stanwyck quando se conhecem ou reconhecem; o beijo na primeira noite da floresta; a sequência do roubo dos rubis; as insólitas aparições do miúdo detentor da verdade; o *plongée* sobre a tortura de Ryan), tem uma sequência prodigiosa em que a visão telúrica de Dwan plenamente se afirma. Refiro-me, evidentemente, à sequência nocturna no templo budista (prenunciada no genérico) desde que Farrar, Stanwyck e Ryan nele se abrigam, fugindo à chuva e à trovoada, até à noite e à disposição dos corpos ("The more I see of you two, the more I like elephants"), à ideia de deitar Barbara Stanwyck com o macaco e à entrada dos salteadores.

Por essa noite, junto a um estranho Buda, vale bem a pena ver **Escape to Burma**. Naquele *décor*, subitamente, todos os personagens ganham consistência e a visita do aventureiro cumpre-se com magia igual à dos grandes filmes de Dwan.

JOÃO BÉNARD DA COSTA